TURISMO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS: ESTUDO DO ESPELEOTURISMO E DO TURISMO RELIGIOSO EM GRUTAS CALCÁRIAS NO ESTADO DA BAHIA

Cleane Santos Nunes – keununes-geo@hotmail.com
Graduanda em Geografia Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Orientador – Espedito Maia

Resumo

As atividades turísticas podem trazer vastas modificações às configurações espaciais, nos espaços físicos e na própria identidade local. O turismo como uma vertente atual da economia, se apoia no processo de acumulação capitalista dos espaços e os modificam de forma estrutural e/ou ideológica. O setor de turismo está entre os que mais crescem em todo o mundo de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), sendo que as atividades dessa esfera estão em sua grande maioria diretamente ligada a natureza. Os impactos que ocorrem nas cavernas podem ser analisados a partir do tipo de turismo que nelas são desenvolvidos. Essa pesquisa permeia por revisões bibliográficas dentro de um estudo de caso, com observações e análise de dados primários coletados em duas grutas do território baiano, bem como nas secretarias e órgãos públicos relacionados ao turismo. Através de observações na gruta da Lapa Doce (BA), localizada no município de Iraquara (BA) e a gruta da Mangabeira, na cidade de Ituaçu (BA) constatam-se que ambas possuem distinção entre as atividades turísticas, como na importância contextual e significados adotados aos ambientes e nas maneiras de exploração, instrução dos guias e outros responsáveis.

Palavras Chave: Grutas - Espeleoturismo - Turismo religioso – Impactos Socioambientais

Introdução

Os estudos sobre as áreas cársticas envolvem a contribuição de campos de estudo distintos que vão dos conhecimentos naturais às áreas humanas da ciência. As cavernas guardam em seu interior mistérios acerca da vida de povos e civilizações que as transformavam em templos santificados de expressão da fé, bem como buscavam abrigos contra as variações do clima, dos ataques de animais e na busca por água potável , (Lino, 2001), como já faziam os romanos para alimentar seus aquedutos, outras vezes, pela paciente capitação das gotas das estalactites levadas por uma rede de canais para um reservatório central.

Tais ambientes foram utilizados desde os primórdios da humanidade como fonte segura para o desenvolvimento e reprodução da vida. Por meio de resquícios da existência humana nas cavernas, como pinturas rupestres e restos mortais, a arqueologia desenvolve vastos estudos antropológicos para constatar a valorosa contribuição espeleológica para o desenvolvimento da história humana. A história da humanidade confunde-se com a evolução das cavernas em

tempos longínquos. A existência de amplos espaços subterrâneos afastados da vida dos seres da superfície, piso “batido”, paredes, tetos, corredores, além da temperatura fresca e agradável, reforçaram a intrínseca relação cultural da história da humanidade com as cavernas.

Com sua morfologia característica, as grutas contém um exuberante relevo ruiniforme, com antros escuros com ares misteriosos. Em seu silêncio absoluto e em meio a belas esculturas, incomparáveis a quaisquer outras paisagens sentidas pela consciência humana, os espeleotemas ganham formas características e o desconhecido ganha conceitos sobrenaturais, carregado de carga cultural e religiosa específica da região em que os vazios endocársticos se encontram. As explicações místicas e religiosas acompanham a maioria das apropriações humanas nesses lugares, observando que:

> A mais antiga referência documental que temos, no momento, sobre uma caverna no Brasil, também trata de um santuário subterrâneo, o de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, que, desde 1690 é visitado anualmente por romeiros. Antonio Olyntho dos Santos Pires, em seu excelente trabalho *Speleologia* (1923), cita esse documento. (LINO, 2011, p. 19)

Para o estudo mais rico e completo das áreas cársticas é possível realizar investigações de cunho social sobre influências geográficas do espaço. Pois para se compreender a importância das cavernas na atualidade é necessário realizar investigações em que haja interconexão das realidades naturais e sociais num determinado contexto, seja ambiental ou econômico. As cavernas despertam grande fascínio e interesse desde os tempos mais antigos. Com seu aspecto inóspito as cavidades subterrâneas possuem infinitas curiosidades que geram oportunidades variadas de estudo para a ciência moderna; as ciências biológicas pesquisam as ricas formas de vida, incomuns pela falta de luz natural em seu interior, já outras ciências da natureza investigam o processo de formação rochosa a partir de fenômenos hidrogeoquímicos. Contextos históricos evocados por ciências sociais fazem alusões ao processo de construção da cultura dos antepassados em áreas cavernícolas, associado a esse curioso conhecimento está a estética das formações rochosas, conhecidas como espeleotemas, que aguçam a curiosidade de visitantes.

O turismo em cavernas também não algo novo, algumas vezes associado com a religiosidade outras tantas por consequência do lazer em ambientes naturais. O turismo por si só é uma prática social que gera impactos significativos de modificação do ambiente que se instala, mesmo sendo feito sob o discurso ecológico ou de conservação absoluta da natureza. O turismo,

seja ele em áreas naturais ou arquitetônicas, é uma prática econômica regida sob lógicas capitalistas de apropriação e modificação do espaço.

Sobre os tipos de turismo realizado em grutas e cavernas há variações na maneira de apropriação e modificação dos espaços, capazes de torna-los mais atrativos, a depender do objetivo prévio da cultura turística do local que o ambiente se localiza, o ecoturismo e o turismo de massa são regidos sob duas lógicas aparentemente distintas. Em ambos existe a apropriação social do meio, em que estruturas existentes são substituídas por outras novas que para garantir a acessibilidade mais facilitada aos visitantes. Porém, relacionadas a cavernas duas vertentes diferentes existem: o espeleoturismo, que lida com questões contemplativas do lazer e da conservação do ambiente e o turismo religioso, que modifica os ambientes e garante a livre expressão cultura religiosa e suas liturgias.

De um lado um turismo que protege a gruta e conserva as delicadas formações geológicas e do outro a preservação do sagrado, sob a livre inserção de estruturas da cultura religiosa que permitem a expressão da fé. Observa-se que estão em pauta a proteção de dois bens legalmente protegidos sob ponto de vista jurídico. As cavernas possuem legislação própria que em alguns casos se conflitam com a atuação prática dos dirigentes locais das cavernas. Neste trabalho serão apresentados Dois casos distintos de grutas localizadas no interior do Estado da Bahia, que exercem individualmente os dois tipos de turismo, que são exemplificados trazendo as dinâmicas e contradições que os rodeiam, com o objetivo de fazer uma análise do estado conversacional das mesmas e esboçar uma síntese da degradação das cavernas de acordo com o turismo exercido.

A parir das análises teóricas sobre cavernas e tipos de turismos serão fundamentadas as proposições desenvolvidas ao longo do trabalho. Juntamente com as pesquisas de gabinete, como foi dito através de livros, revistas e artigos, o trabalho contará com análises a partir das experiências empíricas adquiridas com a realização de trabalhos de campo.

A prática do turismo e o consumo dos ambientes naturais

Dentro da perspectiva atual da sociedade, as necessidades e os hábitos humanos são criados a partir de uma lógica capitalista, em que as relações sociais, os espaços físicos e a própria identidade local são transformadas em mercadorias as serem consumidas. O turismo é uma vertente atual da economia mundial, e segundo a Organização Mundial de Turismo (OMG),

é uma das indústrias que mais crescem no mundo, se apoiando no processo de acumulação capitalista dos espaços, modificando as configurações estruturais e/ou ideológicas para atender e atrair visitantes.

O turismo enquanto nova atividade econômica trata-se se uma fábrica de reprodução de desejos dos consumidores a partir dos reajustes feito nos espaços. O capital tende a reestruturar o ambiente turístico à medida que se pretende atrair um perfil específico de visitantes, com o objetivo de fazê-los aceitar de forma naturalizada o espaço turístico, as estruturas e culturas atribuídas mecanicamente. O turismo tem um importante papel na reprodução social dos lugares, desse modo:

> Nesta direção, coloca-se a tarefa para o pesquisador, de criar as estratégias capazes de tornar atrativos, os lugares para consumo, numa sociedade em que todos os momentos da vida cotidiana se acham penetrados e dominados pela realização da mercadoria. Nesse sentido o turismo e o lazer, enquanto momento da reprodução do espaço - suscitados pela extensão do capitalismo – tornam-se mercadoria de desfrute, passíveis de serem consumidos e isto coloca aos geógrafos a preocupação de pensar no potencial de "venda dos lugares" capazes de reunirem atrativos turísticos, através da produção de um "discurso competente". (CARLOS, 2007, p. 12)

O homem com sua força de trabalho tem o potencial de gerar produtos dotados de valor, bem como e os ambientes interessantes para a apropriação do turismo. Substantiva-se nesses casos uma condição e o meio para a reprodução do capital e social, haja vista que toda a população que reside próximo ao lugar turístico de alguma forma sente as modificações do campo do trabalho e da vida cotidiana.

O valor que a sociedade do consumo dá à natureza depende das necessidades que giram em torno da lógica econômica e cultural. A manifestação nata dos elementos naturais, das florestas, cavernas e dos animais, em tempos remotos era cultuada em condições singulares por muitos povos que tiravam dali o básico para seus sustentos, sem riscos de extinção de espécies e sem grandes deteriorações do meio onde habitavam.

O modo de se conceber a superfície enquanto produto da história veio se inserido na vida em grupo quando houve a inserção do modo capitalista de consumo, de políticas de regimento sociais e econômicos que passaram a ordenar as pessoas e os ambientes. Com as leis de apropriação do turismo, o meio em si e a sua habitação nativa passava a ser transformado de acordo com um novo ordenamento da vida social. As paisagens ganham formas

próprias e/ou artificiais, de acordo com as necessidades criadas para atender a grupos heterogêneos de pessoas.

Toda a sensibilidade da morfologia e desenvolvimento das cavernas, algumas vezes associados a contos mistificados pela cultura local e/ou pelas influências religiosas são utilizados para influenciar pessoas de fora a irem ao local exercerem todas as suas dinâmicas econômicas de turistas. A contextualização das grutas e cavernas desperta interesses da indústria turística como atrativo de visitantes, Cruz (2003), justifica ao afirmar que "nenhum lugar turístico tem sentido por si mesmo, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização, em dado momento histórico". Esses ambientes são de uma riqueza inefável na construção histórica da cultura humana que encontrou na forma "sedentária" de vida o meio de desenvolver certas potencialidades. Tais passagens culturais sobre as cavernas e as grutas, bem como as suas exuberantes formas fazem parte do aparato mercadológico utilizado pela indústria turística no sentido de atrair visitantes-consumidores desse espaço.

Paisagens naturais, paisagens urbanas, paisagens agrícolas, áreas reservadas ao turismo são alguns exemplos de como espaços terrestres são condicionados a ação humana e submetidas a valorização desses domínios pelo capital. É o consumo dos lugares que causam impactos negativos a dinâmica própria da natureza. O turismo ecológico é uma das vertentes de acumulação de capital que atualmente vem construindo discursos de preservação do meio, conciliando-se com o discurso político da atualidade em defesa da natureza, no entanto a preocupação com a natureza contradiz as especulações do sistema.

O Turismo pode exercer pressão sobre os recursos naturais quando aumenta o numero de pessoas nas áreas turísticas. O consumo consciente do espaço permite que este seja oferecido à sociedade pouco modificado pela ação humana, e envolto de uma consciência de preservação que oferece a população oportunidade de contemplação e bem estar com contado com a natureza. Nesse sentido, Figueiredo (2000) acrescenta ainda que o ecoturismo não deve ser visto meramente como "uma pequena elite de amantes da natureza", mas em carado como uma viagem responsável a áreas naturais, visando conservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local.

A prática do ecoturismo em cavernas: Preservação Ambiental e Crença Religiosa

A dinâmica do turismo em cavernas calcárias é constante em todo o Brasil. Essa modalidade econômica existe de forma intensificada também no Estado da Bahia, que possui

rico patrimônio espeleológico, desenvolvido principalmente sobre rochas carbonáticas dos Grupos Bambuí e Una. O maior número de cavidades subterrâneas ocorre na região central do Estado, sobre os carbonatos do Grupo Una, localizados na porção da Chapada Diamantina, no distrito espeleológico de Iraquara, hoje com uma das maiores concentrações de cavernas por unidade de área do país (Karmann apud Santos (2008 p. 133) et al., 2000).

A prática do espeleoturismo em suas bases é realizada com o objetivo de preservar o meio, que deve permanecer minimamente modificado para receber o turista. Os ambientes cavernícolas são frágeis em sua formação e não suportam intensos fluxos de pessoas em seus interiores. Os sistemas morfológicos e a fauna das cavernas são incomuns ao mundo exterior e necessitam de cuidados particulares para que esses permaneçam vivos e ativos. Dessa forma a ideologia do ecoturismo nesses lugares é de extrema importância para a conservação das suas formações sutis, bem como observa que:

> A energia gerada pela movimentação dos visitantes pode alterar o ambiente da caverna, por se tratar de um ambiente fechado, frágil e delicado, onde parâmetros como temperatura, umidade relativa e taxa de gás carbônico recebem poucas variações em grandes escalas de tempo. Isso pode vir a ser desastroso se não for apresentado um manejo adequado e um limite estabelecido para as visitações. (SANTOS, 2008, p. 138)

As cavernas em terrenos cársticos possuem morfologia característica, oriunda da dissolução de rochas calcárias. A água da superfície é absorvida pelo calcário em quantidades moderadas e acumuladas nos vazios subterrâneos da subsuperfície. As formas de acumulação característica desses espaços naturais são os depósitos químicos denominados de estalactites (pendentes no teto) e estalagmites (assentadas no assoalho). Formam-se pelo constate gotejar da água, a partir do teto no interior das grutas, resultando na precipitação do carbonato de cálcio quando desprende o gás carbônico. Para a formação desses e de outros espeleotemas nos interiores das grutas é necessário que seja conservado esse sistema do contato humano, pois possuem lento processo de formação. Para o desenvolvimento de uma gruta que contem um bom preenchimento dos seus vazios com deposições que formam estalactites, estalagmites, colunas, travertinos, cortinas e etc. deve-se ter um período de milhões de anos.

O turismo em grutas depende da exuberância das formas que levaram anos e anos para formação. Um ambiente cavernícola que recebe um turismo de massa tende a sofrer muitos impactos e gradativamente perdendo a beleza dos seus espeleotemas. O consumo desses espaços deve ser moderado, pois se for feito o uso de maneira desequilibrada haverá a deformação dos atrativos naturais e turísticos desses lugares.

O espeleoturismo é a prática recreativa de visitação, uma ramificação da espeleologia (*spelaion* = gruta e *logos* = estudos), denomina a prática de estudo do meio subterrâneo, abrangendo a morfologia, evolução e conservação do meio subterrâneo. É uma ciência, que vem se desenvolvendo através de pesquisas com metodologias adequadas para isso. Insere-se dentro da modalidade de turismo ecológico, relacionada a espaços naturais.

Suas caracterizações são baseadas no discurso preservacionista das áreas naturais, diferenciando-se do turismo de massa por não fazer o uso de infraestruturas voltadas puramente para o bem estar dos visitantes. A conservação dos ambientes cavernícolas é a base do espeleoturismo, nesse sentido nem mesmo a iluminação é feita de forma artificial por lâmpadas fixas presas às rochas, os turistas adentram portando suas próprias lanternas.

As cavidades naturais que desenvolvem o espeleoturismo com características de ecoturismo baseiam-se na inexistente ou máxima redução das estruturas que modifiquem o espaço natural. Localizada no centro da Bahia, a Chapada Diamantina é a região do Estado que melhor representa o turismo voltado para a contemplação e conservação da natureza. Relacionada ao espeleoturismo, destaca-se o município de Iraquara por apresentar uma grande concentração de cavernas. Atualmente, encontram-se registradas no local mais de uma centena de cavidades, constituindo, possivelmente, o local de maior densidade de galerias subterrâneas por unidade de área no Brasil (Auler & Farrant, 1996) *apud* (Santos, 2008), destacando-se o Sistema Lapa Doce, pela sua extensão e importância no capo de visitações preservacionista do turismo. Dessa maneira:

> O espeleoturismo utilizado de forma massificada está longe de ser um modelo aceitável e compatível com a fragilidade ambiental das cavidades naturais. As cavidades naturais que desenvolvem um espeleoturismo com características de ecoturismo se pautam em aspectos como a inexistência ou redução ao mínimo necessário de estruturas de visitação, (SANTOS, 2008. P.135).

O turismo de massa desenvolvido em grutas muitas vezes acontecem sem as mínimas condições preservacionistas dos espeleotemas. As distinções das práticas do turismo vão influenciar no estado de conservação das cavernas. O turismo religioso encontra-se pautado nessas condições, setores ambientais das prefeituras locais e a igreja são os responsáveis pelo manejo, instrução dos guias e modificações estruturais dos ambientes.

O turismo religioso desenvolvido nas cavernas é uma modalidade paradoxal do campo economicista. Os visitantes, em sua grande maioria, são os chamados fieis ou romeiros sazonais, que vão às cavernas para expressarem a sua fé, pagarem promessas e observar com

devoção as estruturas rochosas como prova absoluta da existência de Deus. Ao contrário do que ocorre em outros locais, o lazer não é o que caracteriza primariamente a existência desse "turismo". Bem diferente do que ocorre em outras grutas, em que o visitante busca aventura e descanso em meio a ambientes rústicos e incomuns. Nessa relação religiosa as grutas são lugares inventados culturalmente, e os órgãos responsáveis pela guiança do turismo se pautam na transferência de ditos religiosos para os visitantes, que explicam a formação dos vazios subterrâneos e dos curiosos espeleotemas, nesse sentido, o termo "turismo religioso" vem das ideologias criadas sobre os lugares do que pelos turistas em si, como pode ser visto:

> O Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, santos populares, devotos e sacerdotes/profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjetivo "religioso" deve ser reconhecido em sua amplitude espiritual e metafísica, embora esteja perigosamente comprometida com a perspectiva cristã. (OLIVEIRA, 2001, p.01)

Na cidade de Ituaçu, situada na parte Sul da Chapada Diamantina, a religiosidade assume características fundamentais no que tange a realização do turismo na Gruta da Mangabeira, ou comumente conhecida como Gruta do Sagrado Coração de Jesus. Envolvem-se pelos fascínios do fantástico do sagrado em relação a sua formação.

Em toda Gruta notam-se os sinais da devoção existentes nas romarias, o fluxo de anual chega a aproximadamente 100 mil pessoas ao ano (dados obtidos junto à prefeitura de Ituaçu), sendo tão tradicional quanto a peregrinação do Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, que, desde 1690 é visitado anualmente por romeiros. Segundo Barbosa (2009), Ituaçu possui aquela que pode ser considerada como a segunda romaria mais importante da Bahia, as primeiras romarias ocorridas na Lapa da Mangabeira remetem ao século XVIII e como salienta Guimarães, (2004) gira em torno do mito do vaqueiro que caiu na gruta juntamente com o seu animal e durante a queda rezou para o Sagrado Coração de Jesus que assim os salvou da morte certa. Logo o fato se espalhou e algumas pessoas passaram a visitar a gruta e desta forma nasceu a peregrinação.

A prefeitura e a igreja exercem domínios de manutenção da gruta, o salão principal fora transformado num santuário e é a primeira parte do tour religioso que acontece no local. Os espaços da gruta da mangabeira são extremamente modificados pela cultura religiosa, foram adaptados altares, luzes artificiais e os guias são treinados para santificar a morfologia da gruta. Os impactos provocados na Gruta da Mangabeira contrapõe ao poder de preservação ambiental legalmente constituído (art. 225 CF/88), nota-se uma série de modificações nas paredes do

lugar, como riscos, velas acessas pelos fieis, rochas quebradas ou com livre acesso para serem tocadas e etc.

A crença religiosa perdura fortemente até os dias atuais e influencia fieis de todo o Estado e até de fora. Os guias locais são instruídos para retificar as crenças católicas, e nesse sentido os critérios preservacionistas do turismo em cavernas são transformado numa porção dos ritos religiosos. Nesse sentido as formações rochosas, bem como a água que escorre dos espeleotemas são tocados livremente pelos visitante, no intuito de promover alguma cura física ou espiritual. Com esses hábitos do fieis e a permissividade da diretoria da gruta os espeleotemas sofrem impactos seríssimos e o lento crescimento dos espeleotemas é impedido por conta do contato táctil.

A permissividade do que ocorre em Ituaçú é a livre expressão da liberdade de crença religiosa alocado num ambiente natural, uma gruta. A prefeitura local juntamente com a igreja católica cuida de uma forma geral do manejo, limpeza e instrução dos guias, no entanto a preocupação científica de conservação dos espeleotemas fica em segundo plano, apoiado nessa perspectiva salienta que:

> Se, de um lado há a proteção ambiental, de outro, há a proteção da liberdade de crença que assegura o livre exercício dos cultos religiosos e garante, na forma da lei, a proteção desses locais e suas liturgias (art. 5º,VI da CF/88). Observa-se, assim, a proteção de dois bens que na teoria não se conflitam, mas que na prática podem entrar em choque. (TRAVASSOS E VARELA, 2009, p.139)

Nessa relação de conflito é necessário que seja exercido simultaneamente as duas delimitações da lei para que não haja sacrifício total de nenhuma parte e seja garantido a livre poder de exercício de ambos. A gruta da mangabeira foi transformada socialmente em um ambiente que a história sertaneja e a cultura religiosa dita suas regras mais essenciais. Ao observar suas estruturas rochosas ao longo da travessia da gruta, observa-se que ao longo do tempo a gruta foi bastante degradada, não havendo cumprimento da lei de conservação. No entanto, atualmente há uma maior conservação do meio, apesar de prevalecer com maior intensidade a expressão da crença em sobreposição da conservação dos espeleotemas.

Considerações Finais

A ideia de preservação ambiental é vista num campo paradoxal da sociedade moderna na qual se insere. Modernidade que anda de mãos dadas com a tecnificação dos meios mais básicos da sobrevivência de uma sociedade capitalista, o que confere a uma expansiva ideia de degradação dos espaços em que o homem está inserido. A natureza como recurso condicionante da sobrevivência humana foi e continua sendo gradativamente atacada na medida em que a população aumenta, os meios de produção se modernizam, e o mais importante, o conceito de expansão e desenvolvimento se combina com a prática de degradação do meio.

A indústria do turismo transforma os ambientes em mercadorias de consumo, variando a partir do discurso (atrativo) que se assume perante a sociedade. Os espaços naturais, nesse sentido ganham história, são inseridos numa cultura, e modificados estruturalmente a partir do discurso utilizado para expandi-lo. A degradação da natureza é evidente principalmente quando esta é inserida no contexto da economia, mesmo quando existe estratégias de introduzir em um contexto ecológico, Carlos (2007) complementa dizendo que (...) a busca desenfreada do lucro trouxe profundas transformações na natureza, degradando-a, e com isso reproduzindo-a como raridade. Assim, a natureza tornada rara torna-se "novamente mercadoria" e nesta condição retorna ao mercado e bons exemplos desta nova realidade são a construção e venda dos condomínios fechados bem como o turismo ecológico. Atualmente o ecoturismo tem roubado a cena no cenário da economia, juntamente com a ordem de sustentabilidade do meio, assim nessa onda de conservação ambiental é que surge o espeleoturismo, no sentido de trazer a preservação do sensível desenvolvimento das cavernas, já que estas estão dentro do crescente nível de visitações.

É importante ter compreensão da morfologia cárstica das grutas, pois a formação dos ambientes cavernícolas cheios de espeleotemas são extremamente sensíveis a presença humana, incluse quando existe um potencial degradatório como quando ocorre um fluxo intenso no turismo. As ocorrências do turismo de massa nas cavernas influem muito na dinâmica depredatória do ambiente, como se pode observar durante as visitações na Gruta da Mangabeira em Ituaçú, onde as colunas e os paredões do salão da sua entrada encontram-se riscados e fraturados, bem como suportando os santuários de entrada da igreja formada nessa parte interna. A gruta religiosa transformada culturalmente pela crença católica e mitos da imaginação sertaneja sustenta o imaginário e a fé cristã da região. Em relação à conservação dos espeleotemas pouco se fala, mesmo por parte dos guias que conduzem os fieis ao interior da gruta, nota-se então um desequilíbrio nas legislações que asseguram a conservação de liturgias

e crenças bem como a conservação dos ambientes naturais. No entanto, o turismo local que sustenta toda a cidade se mantém estável, contribuindo satisfatoriamente com a economia local a prefeitura e a igreja continuam investindo na maneira em que acham suficientes para ter a acumulação a partir do turismo de forma estável.

O turismo vem se moldando em cada ambiente, de acordo com a capacidade de acumulação de capital que o local oferece. Falar em preservação ambiental remete a uma série de questionamentos políticos e econômicos, no entanto o ecoturismo vem se apropriando dos ambientes naturais voltados para o turismo. Dessa forma o turismo em cavernas necessita da preservação, pois para se garantir a plena beleza dos espeleotemas - que é o que chama a atenção dos visitantes – é necessário manter equilibrado o consumo do espaço.

Referências

LINO, Clayton F. **Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo**. Ed. Gaia. São Paulo: 2001.

Figueiredo, L. A. V. 2000. ***Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas*: aspectos conceituais, educativos e reflexões**. In: Rodrigues, A. B. (org). *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, p. 55-58.

GUERRA, A.N.T. e CUNHA, Sandra Batista. **Geomorfologia: Uma Atualizagão de Bases e Conceitos.** *Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.*

GUIMARÃES, O. S. **Ituaçu: Bandeirantes e Sertanistas na Chapada Diamantina**. Salvador, 2004.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. Ed. Roca, São Paulo: 2003.

SANCHÉS, L.E. **Avaliação de impacto Ambiental: Conceitos e Métodos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

BARBOSA, Elvis Pereira. **Cavernas E Religião: Considerações Sobre Algumas Romarias Em Cavernas No Sertão Da Bahia**. In Congresso Brasileiro de Espeleologia, 30., Montes Claros MG. Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2009.

CARLOS, A. F A. A. Geografia Crítica e a crítica da Geografia. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (03) Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn- 24503.htm> Acesso em fev. 2012.